



GÊNEROS TEXTUAIS NO ENSINO DE LÍNGUA/GRAMÁTICA

Zulmária de Souza Faustino Dias¹, Eliana Alves Jardim Ribeiro².

¹Universidade dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri/ zulmariafaustino@yahoo.com.br

²Universidade dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri/ elianaernane@hotmail.com

Resumo: Este trabalho tem por objetivo apresentar uma experiência vivenciada na Escola Estadual São Domingos pelos bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). A partir do entendimento teórico da necessidade do estudo de gêneros textuais para os letramentos, busca-se refletir sobre a formação crítica dos alunos, bem como a percepção do discente dos aspectos comunicacionais da língua.

Palavras-chave: Sequência didática, gêneros textuais, ensino.

1. Introdução:

Este trabalho faz parte da atividade final, da disciplina de Sintaxe da Língua Portuguesa, cursada no VIII módulo do curso de Licenciatura de Educação do Campo (LEC) da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). O presente trabalho visa apresentar uma experiência vivenciada na Escola Estadual São Domingos pelos bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Refletindo sobre a sua importância e como a metodologia do educador é parte fundamental para se obtenha uma boa apreensão das unidades curriculares, um bom conhecimento de mundo e do funcionamento da língua.

Experiência esta que vai ao encontro das teorias estudadas, com o entendimento de que os gêneros textuais são uma excelente metodologia para estudar a língua, utilizando temas que são da realidade dos alunos. Acreditamos que o educador tem a possibilidade de ampliar os horizontes do educando, por meio de sua prática educativa. Com o intuito de alcançar este objetivo, damos início ao trabalho fazendo uma retomada nos estudos feitos no decorrer das aulas cursadas, em alguns autores e documentos que falam da importância do ensino de língua.

2. Reflexão por meio da prática e teoria estudada

Em pesquisas realizadas atualmente, observa-se a importância e a necessidade de o professor



utilizar novas práticas e metodologias com base em uma proposta de letramento. Proposta esta que se utilizada com o trabalho, por meio dos gêneros textuais e do contexto do estudante, é uma proposta viável. Além desses estudos, temos documentos oficiais (1999) que nos orientam a respeito do trabalho com textos e gêneros textuais:

Averiguando o PCNs (1998: 78), vimos que lá diz: “não é uma nova denominação para o ensino de gramática”, pois, ao tomar o texto como unidade de ensino, por mais que os aspectos ortográficos e sintáticos a serem cogitados, pondera também os aspectos semânticos e pragmáticos que ajustam o texto em determinado gênero, discurso/ textual. Sendo assim os referenciais assumem uma perspectiva um ponto de vista contrária a tradição gramatical, ao qual cogita idades menores que o fonema, como as frases, classe de palavras, ocasionalmente chegará ao texto e reproduzir a “classe metodologia de definição, classificação e exercitação (BRASIL, 1999, p. 29).

De acordo com este documento, no contexto escolar, a leitura e a produção de texto devem ser pensadas a partir de gêneros textuais. Os PCN’s (1999, p. 22) trazem a seguinte definição de gênero:

Refere-se a famílias de textos que compartilham características comuns, embora heterogêneas, como visão geral da ação à qual o texto se articula, tipo de suporte comunicativo, extensão, grau de literariedade, por exemplo, existindo em número quase ilimitado.

Nota-se que os PCNs (1999) propõem ainda um ensino por meio de leitura de textos, sendo realizada diariamente, de forma silenciosa ou em voz alta, lida por outra pessoa e também a implementação de projetos de leitura. É preciso que antecipem que façam inferências a partir do contexto ou do conhecimento prévio que possuem que verifiquem suas suposições — tanto em relação à escrita, propriamente, quanto ao significado.

Entre muitas leituras de autores que baseiam seus estudos, no ensino do funcionamento da língua, chama-se a atenção o livro *Preconceito Linguístico* de Marcos Bagno (2007). Nele o autor discorre sobre muitos mitos e preconceitos da língua. Nesse contexto, desperta-se a atenção, também, uma citação de Possenti (1996) que aponta para:

Todas as sugestões feitas nos textos anteriores só farão sentido se os professores estiverem convencidos — ou puderem ser convencidos — de que o domínio efetivo e ativo de uma língua dispensa o domínio de uma metalinguagem técnica. Em outras palavras, se ficar claro que conhecer uma língua é uma coisa e conhecer sua gramática é outra. Que saber uma língua é uma coisa e saber analisá-la são outra. Que saber usar suas regras é uma coisa e saber explicitamente quais são as regras é outra. Que se pode falar e escrever numa língua sem saber nada “sobre” ela, por um lado, e que, por outro lado, é língua sem saber nada “sobre” ela, por um lado, e que,



por outro lado, é perfeitamente possível saber muito “sobre” uma língua sem saber dizer uma frase nessa língua em situações reais (POSSENTI, 1996, p. 120).

Percebe-se que nas escolas há muitos preconceitos e mitos a cerca do ensino dos dialetos. Os professores não dão conta de entender que o estudo dos dialetos favorece e valoriza a identidade do sujeito e com isso consegue-se então estabelecer relações entre as culturas e os conteúdos curriculares. Para dar maior ênfase ao que acaba de ser exposto, colocar-se-á abaixo uma prática desenvolvida pelas bolsistas do PIBID-Diversidade de Virgem da Lapa. Essa experiência é a prova de que um bom trabalho do professor, voltado para os gêneros textuais, possibilitam uma melhor reflexão e ensino da língua.

2.1. Experiência vivenciada pelo PIBID-diversidade

O PIBID Diversidade fez um trabalho com os estudantes, ao qual se deu em forma de oficinas com a participação de vários professores e colaboradores. O trabalho em parceria com vários professores se justifica pelo fato de se acreditar que nos momentos de produção de textos, são fundamentais que sejam realizadas intervenções mais personalizadas com os estudantes a fim de ajudá-los a refletir sobre o funcionamento da língua, sobre sua própria escrita e sobre a organização do texto.

Os planejamentos para cada oficina foram organizados em forma de sequências didáticas, pois se acredita que elas são uma metodologia eficaz para organizar o trabalho com os gêneros textuais e, conseqüentemente, o processo de leitura e produção de textos. Os bolsistas acreditavam que ao organizar o trabalho com os gêneros dessa maneira, permitiria ao professor identificar as dificuldades e potencialidades apresentadas pelos estudantes na primeira produção, ou seja, a produção inicial, criando-se estratégias para que superem as dificuldades.

Os temas trabalhados em todas as oficinas foram identificados em pesquisas realizadas com os estudantes e pais atendidos pela escola na qual as oficinas foram realizadas. Também para executar as oficinas as bolsistas se reuniram objetivando estudar os documentos oficiais (1999) de ensino de língua e sobre teóricos da área.

2.2. Modelo de oficina realizada pelo PIBID:



O planejamento da oficina foi realizado de modo a estabelecer uma metodologia condizente com os objetivos conforme pode-se visualizar no quadro 01, a seguir:

Quadro 01 – Planejamento da oficina

PLANEJAMENTO	
<p>Tema: CONSUMISMO E LIXO Público alvo: 9º ano do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio Duração: 4 horas</p>	
<p>Metodologia</p> <ul style="list-style-type: none"> • Aula expositiva, com apresentação de slides, sobre o gênero textual paródia; • Realizar uma leitura dinamizada, em que uma pessoa lê um verso da música e as outras repetem, dando sua própria interpretação; • Realizar leitura colaborativa: ler os versos incentivando os alunos a interpretarem a música identificar contexto de produção, tematização e textualização; • Apresentar o vídeo e a letra da música 3ª do plural, leitura colaborativa da letra da música; • Dividir a turma em pequenos grupos para a produção da paródia a partir da letra “3ª do plural” de engenheiros do Havái; • Apresentação da paródia produzida. 	
<p>Objetivos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Refletir sobre a questão do consumismo; • Reconhecer a estrutura e características do gênero textual “música”; • Reconhecer contexto, situação e intenção de produção, público alvo e suporte textual em um determinado no gênero textual música, observando a adequação da linguagem aos fatores de textualidade mencionados. • Desenvolver habilidades e estratégias de produção textual. 	

Fonte: Elaborado pelos autores.

Após a execução da oficina, pode-se visualizar a letra da música “3ª do Plural” de Engenheiros do Havái e paródia produzida pelos estudantes, conforme apresenta-se o quadro 02:

Quadro 02 – Paródia produzida pelos alunos

<p>3ª Do Plural Engenheiros do Hawaii Corrida pra vender cigarro Cigarro pra vender remédio Remédio pra curar a tosse Tossir, cuspir, jogar pra fora Corrida pra vender os carros Pneu, cerveja e gasolina Cabeça pra usar boné E professar a fé de quem patrocina Eles querem te vender Eles querem te comprar Querem te matar (de rir)</p>	<p>Paródia da música 3ª do Plural de Engenheiros do Havai Corrida pra comprar sapatos Sapatos que a vitrine mostra Pra que criar tanta ilusão Se eles vão pisar em bosta</p> <p>Corrida pra fazer oferta Celular, não me interessa Cabeça se usa pra pensar Conscientizar do que não presta</p> <p>Eles querem te convencer Eles querem te atíçar</p>
--	--



<p> Querem te fazer chorar Quem são eles? Quem eles pensam que são? Quem são eles? Quem eles pensam que são? Quem são eles? Quem eles pensam que são? Quem são eles? Quem eles pensam que são? Corrida contra o relógio Silicone contra a gravidade Dedo no gatilho, velocidade Quem mente antes diz a verdade Satisfação garantida Obsolescência programada Eles ganham a corrida Antes mesmo da largada Eles querem te vender Eles querem te comprar Querem te matar (a sede) Eles querem te sedar Quem são eles? Quem eles pensam que são? Quem são eles? Quem eles pensam que são? Quem são eles? Quem eles pensam que são? Quem são eles? Vender, comprar, vendar os olhos Jogar a rede... contra a parede Querem te deixar com sede Não querem te deixar pensar Quem são eles? Quem eles pensam que são? Quem são eles? Quem eles pensam que são? Quem são eles? http://letras.mus.br/engenheiros-do-hawaii/747530/ </p>	<p> Querem te explorar (sugar) Querem te hipnotizar Refrão Quem são eles? Quem eles pensam que são? Quem são eles? Quem eles pensam que são? Silicone a favor da vaidade Comprar pra te livrar do ócio Comerciante, diga a verdade! Comprar boné da NEW YORK Adolescência alienada Só para serem bem aceitos Na sociedade subordinada Eles querem te convencer Eles querem te atíçar Eles te aguçar (a sede) Só querem te manipular Refrão Quem são eles? Quem eles pensam que são? Quem são eles? Quem eles pensam que são? Pensar, pensar, abrir os olhos Eu quero vencer a sede! Eu quero pensar direito Jogá-los contra a parede! Refrão Quem são eles? Quem eles pensam que são? Quem são eles? Quem eles pensam que são? </p>
--	--

Fonte: Elaborado pelos autores.

3. Conclusão

Acredita-se que utilizando metodologias como esta trabalhada pelo PIBID-Diversidade os alunos aprenderiam a respeitar os vários dialetos, as variedades linguísticas. O objetivo é fazer com que o aluno compreenda a origem das variações, os fatores que as causam, as consequências de seus usos em determinados contextos e situações. Ressaltamos que depois de vários estudos e pesquisas feitos em sala e fora dela, no atual curso, certamente



sugeriríamos atividades e trabalhos propostos, utilizando os diversos gêneros textuais, por meio da sequência didática.

Observa-se nesta prática apresentada que a abordagem dos gêneros, instrumentalizam os estudantes a realizarem, conforme orienta o Currículo Base Comum (CBC) de Língua Portuguesa, estas quatro operações: operação de contextualização, operação de tematização, operação de textualização e operação de enunciação. Em linhas gerais, o que o CBC (2006) orienta é que tanto no momento da leitura quanto no momento da fala, os estudantes sejam incentivados a refletir sobre: quem escreve o texto? Para quem o que escreve? Como o escreve? e Com que intenção o faz? Levando em consideração tais orientações, parece ficar claro que, no processo de ensino aprendizagem da leitura e da escrita, é fundamental a interação entre professor/estudante; estudante/estudante; professor/estudante/texto; estudante/estudante/texto e estudante e texto.

4. Referências

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**: O que é como se faz. 49ª ed. São Paulo: Edições Loyola, junho de 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1999.

MINAS GERAIS (Estado). Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. **Proposta curricular de Língua Portuguesa do ensino fundamental – 6º a 9º ano**. Disponível em: <http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/banco_objetos_crv/%7BF05F7EE3-1E11-4756-BCBC-187A12923C4E%7D_proposta-curricular_lingua-portuguesa_ef.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2017.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) Ensinar Gramática** na Escola. São Paulo: Mercado das Letras, 1996.

TRAVAGLIA, Luís Carlos. **Gramática e Interação**: uma proposta para o ensino de gramática. 14.ed. São Paulo:Cortez.2009.